



## A DOENÇA COMO METÁFORA EM PHILIP ROTH E SAMUEL RAWET

Mariana Alice de Souza Miranda<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio é um breve recorte da dissertação “A doença como metáfora em Philip Roth e Samuel Rawet”. Nossa hipótese é a de que nos textos desses autores a doença, a melancolia e a degenerescência são representadas alegoricamente, a fim de expressar o que a psicanálise freudiana entende como o conflito primordial do ser humano: a tensão entre as forças da pulsão de vida (*Eros*) e da pulsão de morte (*Thanatos*). A partir de uma leitura benjaminiana, essas narrativas colocam em questão o declínio da experiência e da tradição na modernidade, a impossibilidade de se transmitir experiências autênticas e de se afirmar um único significado, eterno e universal. A narração, nesse sentido, deixa de ter um caráter coletivo, em que as experiências eram passadas de geração em geração para dar lugar à narração da vida de um sujeito solitário que luta pelo sucesso em uma sociedade marcada pela concorrência. Dessa forma, as obras de Roth e de Rawet representam o desencantamento do mundo na modernidade, e é essa desvalorização do mundo aparente e a morte do sujeito clássico que fazem ressurgir a forma alegórica como Walter Benjamin a definiu, a saber, que a alegoria manifesta a fragmentação do real. Nosso ensaio é baseado nos estudos de Walter Benjamin, Freud, Betty Fuks, Jaime Ginzburg e Susan Sontag.

**Palavras-chave:** Philip Roth. Samuel Rawet. Doença. Melancolia. Literatura Comparada.

### **ILLNESS AS METAPHOR IN PHILIP ROTH AND SAMUEL RAWET**

**Abstract:** *This paper is a brief excerpt from the dissertation "A doença como metáfora em Philip Roth e Samuel Rawet". Our hypothesis is that in the texts of these authors, illness, melancholy, and degeneration are allegorically represented to express what Freudian psychoanalysis understands as the primordial conflict of the human being: the tension between the forces of the life drive (*Eros*) and the death drive (*Thanatos*). From a Benjaminian reading, these narratives question the decline of experience and tradition in modernity, the impossibility of transmitting authentic experiences and affirming a unique, eternal and universal meaning. The narrative, in this sense, ceases to have a collective character, in which experiences are transmitted from generation to generation, to give way to the narration of the life of a solitary man struggling to succeed in a society marked by competition. In this way, the works of Roth and Rawet represent the disenchantment of the world in modernity, and it is this devaluation of the apparent world and the death of the classical man that makes the allegorical form resurface as Walter Benjamin defined it, namely that allegory manifests the fragmentation of the real. Our paper is based on the studies of Walter Benjamin, Freud, Betty Fuks, Jaime Ginzburg and Susan Sontag.*

**Keywords:** Philip Roth. Samuel Rawet. Disease. Melancholy. Comparative Literature.

---

<sup>1</sup> Mestre - PPGEL/FAALC/UFMS. Graduanda em Licenciatura Português/Alemão - UFPR. ORCID: 0000-0001-7460-6011.

## Introdução

O cotejo entre a literatura de Philip Roth e a de Samuel Rawet para este ensaio parte da seguinte questão: como a doença, física ou psíquica, representa alegoricamente a condição do homem moderno? Objetiva-se, assim, aproximar a novela *Homem comum* (2006), do escritor estadunidense Philip Roth, de quatro contos do escritor brasileiro Samuel Rawet: “O fio”, “A batalha de Kurukshetra”, “O crime perfeito”, reunidos na obra *Os Sete Sonhos*, de 1967, e “Consciência do mundo”, presente em *Contos do Imigrante*, de 1956, obra de estreia do escritor. Apoiada, sobretudo, nos estudos de Freud e de Walter Benjamin, nossa hipótese é a de que nesses textos a doença, a melancolia e a degenerescência expressam o que a psicanálise freudiana entende como o conflito primordial do ser humano: a tensão entre as forças da pulsão de vida (*Eros*) e da pulsão de morte (*Thanatos*). Depreende-se dessa tensão o desejo de sobrevivência do homem em um mundo ornado por imagens fúnebres na modernidade.

## Pontos de encontro

Ambos de origem judaica, é comum nas obras de Philip Roth e de Samuel Rawet a presença de temáticas sobre a condição judaica, a identidade e a alteridade, o jogo da criação literária, a clivagem entre o autobiográfico e a ficção e questões de teor universal, como o amor/sexo, a morte, o desamparo e a solidão. Na orelha de *Contos e novelas reunidos* (2004), compilado das obras de Rawet, Flávio Moreira da Costa define dois tipos de escritores de descendência judaica: “os que respeitam a tradição cultural de seu povo, e fazem disso o caldo principal de sua criação, como Singer e nosso Scliar; e aqueles que lutam com e às vezes contra ela, como Roth e Rawet”. Na literatura dos dois escritores, a noção de identidade essencialista calcada na tradição religiosa do judaísmo passa por uma dessacralização.

Para nos ajudar a melhor entender essa questão, consideramos os estudos acerca do conceito de judeidade da psicanalista Betty Fuks (2000). Para a autora, por meio do exílio, a experiência de estrangeiridade é afirmada pelos judeus da Diáspora situando-os “simultaneamente dentro e fora, num entre-dois cujas ‘fronteiras’ lhe permitem partilhar a identidade do povo da nação na qual ele existe e manter um ‘pedaço de si’ sempre alhures, no espaço marginal do não-lugar” (FUKS, 2000, p. 48). Portanto, por meio dos traços de estrangeiridade e do exílio, há, paradoxalmente, uma identificação e uma desidentificação; uma identidade e uma diferença que caracteriza o povo judeu. É a partir desse nomadismo, desse movimento de errância do judeu, que

Fuks atribui à judeidade um para-além da identidade judaica, como algo que está sempre a ser construído, uma alteridade múltipla e inacabada, sempre em devir.

A partir das reflexões de Benjamin no texto “O narrador”, Jeanne Marie Gagnebin (2014, p. 225) comenta sobre a relação entre a narração e a morte. O moribundo “é a última figura do viajante, daquele que nos coloca em relação com o longínquo”, e o poder da morte obriga os homens

[...] a se perguntar se têm algo a transmitir que não se extingue com cada existência individual, se algo merece ser guardado e transmitido aos outros homens e às futuras gerações para além do círculo restrito da mera vida singular.

A filósofa insiste que há uma “dimensão pulsional” do narrar:

[...] que persiste mesmo quando sua fonte parece secar, como na contemporaneidade, tão pobre em verdadeiras histórias. [...] Na modernidade as transformações do tempo humano e da relação com a morte acarretam transformações profundas, se não desastrosas, para a própria possibilidade do narrar. Ainda que a pulsão narrativa continue presente, ela não pode mais se configurar nas grandes formas clássicas do épico, não pode mais transmitir uma ‘experiência’ comum e por todos compartilhada (no sentido forte da palavra *Erfahrung*), mas deve narrar as dificuldades da partilha e o esfacelamento da transmissão. (GAGNEBIN, 2014, p. 226).

Na modernidade, a narração deixa de ter um caráter coletivo, em que as experiências eram passadas de geração em geração, para dar lugar à narração da vida de um sujeito solitário que luta pelo sucesso na sociedade moderna marcada pela concorrência, tanto no sentido de sobrevivência quanto no profissional. Esse tipo de narração revela as dificuldades de partilha, o sofrimento e as lembranças particulares de um indivíduo diante de um mundo cujas leis de consumo dominam a vida moderna. Diante disso, propomos que as narrativas de Roth e de Rawet representam o desencantamento do mundo na modernidade e é o reconhecimento dessa perda, dessa destruição ocasionada pela ordem econômica capitalista e pela morte do sujeito clássico, segundo Gagnebin (2013), que faz ressurgir a forma alegórica como Benjamin a definiu, a saber, que a alegoria manifesta a fragmentação do real, denunciando a falsa aparência de totalidade histórica.

A teoria benjaminiana da perda e, por conseguinte, do luto, se desdobra pelo olhar atravessado do melancólico. Contudo, Benjamin não propõe que essa contemplação esteja imersa em uma passividade, na qual o melancólico ruminava

infinitamente por um objeto perdido, mas preconiza que ela seja ativa, ou seja, que é necessário atravessar essa perda, reconhecê-la e construir novos significados a partir de suas ruínas. Para complementar, destaca-se que a alegoria em Benjamin é um modo de expressão, bem como um modo de interpretação. É tanto uma maneira de falar ou escrever quanto uma maneira de decifrar e de conhecer, visto que o sentido literal na alegoria nunca é o verdadeiro.

### **O homem comum de Roth e Rawet**

A novela de Philip Roth apresenta a história do Homem Comum, um personagem sem nome próprio cuja vida, perpassada por doenças desde a infância, revela-se incompleta e sem sentido quando, na velhice, recai sobre ele a consciência de seu destino. Ele é, por assim dizer, um “homem-para-a-doença”. O sentimento de angústia diante da morte, ou a partir de Lacan, do “real”, desencadeado pelas inúmeras hospitalizações da personagem, deixa-o em um estado melancólico, em uma mera recriminação infinita do passado. Conforme Freud, na melancolia há uma satisfação narcísica, na qual o sujeito se debruça em sua tristeza, em suas queixas e autoacusações, investindo libidinalmente sobre si mesmo. Há um sentimento de esvaziamento do eu do sujeito, que não possui mais forças de sair desse estado e permanece no passado ao invés de confrontar o presente.

Já os contos de Rawet, de modo geral, são breves e de caráter aberto e ambíguo. Eles fogem da concepção tradicional de conto, de causa e de efeito, do caráter cronológico das ações com início, meio e fim. A escrita rawetiana é concisa, fragmentária e elíptica. Na maioria de suas narrativas aparece a figura de um caminhante solitário da cidade, uma espécie de trapeiro ou *flâneur* da metrópole ou, conforme a lenda judaico-cristã, o mítico Judeu Errante, *Ahasverus*, que Jesus condena a vagar sem rumo definido e sem descanso até o final dos tempos. Há séculos o mito do Judeu Errante nutriu a maldição infundável jogada contra o povo judeu. Ele é o símbolo de uma expiação eterna, do vagabundo amaldiçoado de todos os povos proscritos.

As personagens rawetianas são sujeitos que, de alguma forma, experenciam uma situação de morte (o real por excelência), seja a morte do outro, seja a própria. Eles caminham pela rua sem objetivo definido, e as ações acontecem mais no plano de suas elucubrações e nos seus estados de delírio. Há momentos em que, durante essas longas meditações, por assim dizer, involuntariamente irrompem lembranças do passado que nunca são claramente definidas. Como bem observa Rosana Kohl Bines (2012, p. 132),

Rawet compõe uma “[...] espécie de educação dos sentidos, em mão contrária ao ideal de beleza e polidez almejado pelas belas letras”.

O acúmulo de contradições e de aporias nos textos de Roth e de Rawet é justamente aquilo que a linguagem e a literatura tentam dizer, mas que é indizível, o que há de mais subjetivo, não racionalizável e que, por isso mesmo, é o que se pretende colocar no texto literário, pois é pela linguagem que temos a possibilidade de nos apropriar do real externo e do real das nossas experiências, ainda que ela seja insuficiente. As personagens, portanto, estão sempre diante de um impasse, de uma impossibilidade, e são dessas contradições, dessa falta indizível que emerge o estado melancólico das personagens, no qual o olhar se descola do próprio corpo e especula, medita, investiga a si mesmo. Na solidão, eles se veem cheios de misérias e buscam extrair dessas ruínas novos sentidos.

### **Considerações finais: a errância da condição humana**

O intuito de cotejar a novela de Roth com os contos de Rawet surgiu de algumas semelhanças perceptíveis entre os dois autores e entre as suas narrativas. Em primeiro lugar, pelo aspecto biográfico e por serem contemporâneos. Os dois são descendentes de judeus asquenazes, provenientes da Polônia. Ambos foram criados dentro do seio de famílias tradicionalmente judaicas, falantes do ídiche e seguidoras dos preceitos religiosos do judaísmo. No entanto, para Roth, isso se distancia na medida em que ele faz parte da segunda geração de judeus nascidos nos Estados Unidos; enquanto Rawet, imigrante, chega ao Brasil ainda criança. Nesse sentido, recém-chegado ao Rio de Janeiro, Rawet carregava o estigma de imigrante, acentuado, principalmente, por ter como língua materna o ídiche. Por sua vez, Roth não teve que lidar com essa inadequação, pois já era assimilado à cultura norte-americana:

Com o advento da emancipação, a lógica da assimilação cultural fez-se mais forte: a grande maioria dos judeus que foi para a universidade abandonou a tradição da leitura da Torá, voltando-se para estudos cosmopolitas. As famílias assimilavam-se a tal ponto que muitas perderam a referencia à tradição, pelo menos conscientemente. Com essas rupturas, decerto sobrevieram muitas crises e muitas dificuldades de comunicação entre os judeus que prezavam a tradição e os que aspiravam à assimilação (FUKS, 2000, p. 26).

Em segundo lugar, Roth, como escritor estadunidense, sempre esteve inserido na comunidade literária americana, sendo reconhecido internacionalmente desde a sua

juventude, consolidando-se como um dos maiores escritores norte-americanos do século XX. Roth morre aos 85 anos, em 2018, oito anos após a publicação de seu último livro. Rawet, pelo contrário, não teve todo esse prestígio, uma vez que sempre teve dificuldades em publicar seus livros, além de ter sido excluído do rol de escritores brasileiros e taxado como o escritor imigrante cujo hermetismo dificultava a leitura. Ele falece aos 55 anos, em 1984, sozinho em casa, vítima de aneurisma cerebral.

Em relação à literatura dos dois escritores, percebemos que há temáticas que aparecem frequentemente, tais como: o fazer literário, a identidade judaica em conflito com a identidade americana e a brasileira, as questões existenciais do homem moderno, a sexualidade, a melancolia e a morte. Julgamos que ambos transpõem para as narrativas personagens cujas identidades não são fixas, mas que estão em constante mudança, dessacralizando-as, ironizando-as ou modificando-as. Em Roth, a experiência como judeu assimilado proporcionou que ele tensionasse as contrariedades entre a velha geração e a nova geração de judeus americanos. Em Rawet, a inadequação do imigrante, do excluído e do marginalizado é o mote de diversas narrativas.

Nossa proposta de trabalho se concentrou em narrativas que possuem a morte como temática principal. Como dito na introdução deste trabalho, Flávio Moreira da Costa cita Roth e Rawet como dois escritores de origem judaica que lutam com ou contra a tradição cultural judaica. A novela *Homem Comum* é a obra de Roth que, a nosso ver, melhor destaca a finitude do homem. O que nos chama a atenção nessa narrativa é que, para falar de um homem comum, Roth se vale de um personagem judeu, colocando, assim, a noção de identidade essencialista em crise. Nos *Contos do Imigrante*, Rawet explicita a problemática do imigrante judeu no Brasil. Parece-nos que, conforme a escrita rawetiana amadurece esteticamente, a questão do estranhamento se desloca do imigrante para a condição humana, demonstrando que essa condição de *outsider* não se restringe ao judeu. Trata-se, portanto, de uma problematização da identidade que vai ao encontro da definição de judeidade, tal como propõe Betty Fuks.

Para a escolha dos contos levamos em consideração a centralidade do homem comum e da morte. Por isso, foram escolhidos contos em que as personagens não possuem nomes próprios, assim como o Homem Comum de Roth. Poderíamos dizer que o caráter “comum” de todo homem recai na morte. É a questão existencial da inevitabilidade da morte que coloca as personagens em movimento. A personagem rawetiana condensa esse conflito nesta passagem de “O fio”: “Caminho por um mundo calmo, realizado, além dos desesperos e das angústias. Uma dúvida apenas encrespa as águas desse mar tranquilo por onde derivo: a morte” (2004, p. 151).

A partir disso, observamos que as personagens atormentadas pela morte se aprofundam num estado melancólico. Em *Homem Comum* e em “Consciência do mundo”, a doença física é o que desencadeia a angústia diante da morte e, por consequência, a melancolia. Para Susan Sontag (1984, p. 7):

A doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença. Embora todos prefiramos usar somente o bom passaporte, mais cedo ou mais tarde cada um de nós será obrigado, pelo menos por um curto período, a identificar-se como cidadão do outro país.

Nesse sentido, a doença se manifesta como uma ruptura na barreira que as pessoas criam para tirar a morte do horizonte. As narrativas de ambos os autores fazem o movimento contrário, pois colocam no centro “seres-para-a-morte”. Nos outros contos de Rawet, “O fio”, “A Batalha de Kurukshetra” e “O crime perfeito”, as personagens não são acometidas por doenças físicas, mas sim pela melancolia, uma doença psíquica. Elas caminham a esmo pela rua sem destino definido, há uma inadequação em relação à sociedade, uma busca por regressar à animalidade, aos impulsos primitivos, e todas experienciam, de alguma forma, a morte. Em “O fio”, a personagem, apartada da sociedade, observa um atropelamento com indiferença. Em “A Batalha de Kurukshetra”, um professor é indiferente se matara alguém ou não. Em “O crime perfeito”, a morte do amigo enlouquece o protagonista. Todas essas situações movimentam os pensamentos das personagens e são as ambiguidades, as contradições e as oscilações dessas elucubrações que servem como ações propriamente ditas das narrativas.

Tanto em Roth quanto em Rawet, a melancolia é conteúdo e forma. Em *Homem Comum*, a melancolia é perceptível quando a personagem reconhece a culpa pelos erros que cometeu no passado. Assim, a partir da metade da narrativa, os sintomas da melancolia, como o arrependimento, o isolamento, as autoacusações, as memórias da infância perdida, são desencadeados. O tempo da narração é embaralhado, fragmentado. Como a narração acontece sob o ponto de vista do Homem Comum, que ora avança, ora regressa, ela encena a errância da mente humana, o seu descompasso, que procura, de alguma forma, dar sentido aos acontecimentos. Toda a narrativa é a busca da personagem em postergar o tempo, mas, às avessas, essa busca já está perdida, pois o leitor já sabe que ela morreu.

Em Rawet, a melancolia ganha um caráter positivo, assim como a loucura e os delírios. É a partir do tédio, da solidão, dos estados parciais de inconsciência que irrompe

o estado melancólico da personagem e, dessa maneira, ela pensa obsessivamente na morte, na sua própria condição humana. Em meio aos pensamentos e delírios, as personagens travam uma batalha consigo mesmas, entre a sua própria natureza e o mundo externo, entre a racionalidade e as normas da sociedade. Rawet, nessa perspectiva, enxerga o choque da violência da modernização na segunda metade do século XX, em que o desajuste do sujeito em relação à sociedade estabelece o mal-estar na cultura ocidental. As personagens, absortas pela compleição melancólica, têm a consciência da precariedade do mundo e de sua própria miséria.

Em relação à linguagem, Roth faz uso de uma linguagem simples, fluida, com frases longas, nas quais um parágrafo comporta uma infinidade de informações que, no entanto, só são completas, dotadas de significado, à medida que a narrativa avança. Ele elabora tramas emaranhadas que só são resolvidas conforme o interesse do narrador. Por sua vez, Rawet produz contos extremamente breves, sem divisão de parágrafos, como se fosse um bloco. As frases são curtas e elípticas, o que contribui para que não seja atribuído apenas um significado para a narrativa, deixando-a em aberto. Em Rawet, a realidade é polissêmica, ela está sob constante interrogação. Enquanto em Roth há fluidez, em Rawet há rigidez.

Nesse sentido, nas narrativas de Roth e Rawet existe a tendência de sobreviver em meio às catástrofes do mundo e à precariedade de si. É dessa tendência que, segundo Benjamin (2013, p. 242), surge a inspiração alegórica: “A alegoria instala-se de forma mais estável nos momentos em que o efêmero e o eterno mais se aproximam”. Em meio aos sinos fúnebres que ornaram a modernidade, as personagens dos dois autores cavam a falta indizível, correspondente à incompletude do homem, significados sempre renovados, de modo que “a alegoria ressalta a impossibilidade de um sentido eterno e a necessidade de perseverar na temporalidade e na historicidade para construir significações transitórias” (GAGNEBIN, 2013, p. 38).

À vista disso, o movimento de errância das personagens, expressado pela melancolia, pelo caminhar sem destino e pelo nomadismo do pensamento, manifesta o desejo da existência pela possibilidade do devir, uma identidade nunca acabada. As imagens fúnebres que permeiam as narrativas de Roth e de Rawet ganham, portanto, um caráter positivo. De acordo com Ginzburg (2011, p. 54):

A estética da morte corresponde a um contexto em que a existência se apresenta como possível em meio à violência continuada, com o risco incontornável de vulnerabilidade. Nesse contexto, a busca de afirmação,

prazer e satisfação aparece com intensidade, em contraste com a apatia e a entrega à miséria e ao vazio.

Betty Fuks, ao relacionar o surgimento da psicanálise a partir de como Freud encarava a sua judeidade, afirma que “ser judeu não é essência, mas movimento, a priori, errância. Caminhar incessantemente, em seu pensamento, em sua clínica, em sua vida, sem repouso e sem medir distâncias” (2000, p. 36-37). Concluimos, a partir dessa visão, que o deslocamento constante, suscitado pela questão existencial, indica não só a errância do judeu, mas também a de todo homem comum da modernidade. O judeu errante se converte no homem solitário que vive à deriva. O homem errante está sempre a construir a sua identidade, direcionando-se para uma alteridade múltipla e inacabada, portanto, ligada ao desejo, uma vez que é um empreendimento subjetivo que conduz o sujeito para o futuro.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Trad. João Barrento. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BINES, Rosana Kohl. Na frequência de Samuel Rawet. **Revista Brasileira**, fase VIII, ano I, n. 71, p. 127-135, abr./jun. 2012.

FUKS, Betty. **Freud e a Judeidade**: a vocação do exílio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GINZBURG, Jaime. Estética da morte. **Gragoatá**, v. 16, n. 31, p. 51-61, 30 dez. 2011.

RAWET, Samuel. **Contos e novelas reunidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

ROTH, Philip. **Homem comum**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.